

A MULHER NA LITERATURA CEARENSE

Batista de Lima

Fortaleza possui setenta ruas com nome de escritor cearense. Apenas seis delas trazem nome de mulher. São elas: Ana Batista, Ana Faço, Emília Freitas, Henriqueta Galeno, Francisca Clotilde e Nenzinha Galeno. Como se vê, a fortalezense Rachel de Queiroz não é nome de rua em nossa cidade. Também não são Natércia Campos, Alba Frota e Alba Valdez.

A literatura cearense, no entanto, tem apresentado mulheres personagens marcantes muito mais que homens. Em toda sua trajetória, a presença feminina se sobrepõe à masculina, mesmo os autores sendo quase todos homens. Numa terra de tantos cabras machos quase que só aparecem heroínas literárias. Não há o herói literário cearense.

Iracema é a mais conhecida delas. O romance homônimo de José de Alencar é uma das mais perfeitas obras do nosso romantismo. Iracema, que segundo Afrânio Peixoto, é uma anagrama de América, é explicada por Alencar, como “lábios de mel”. Tão marcante é essa obra que o Ceará virou terra de Iracema. Há gerações e mais gerações de mulheres por este Brasil chamadas Iracema.

Dona Guidinha do Poço é o nome fictício para Marica Lessa, mulher rica e valente do Quixeramobim, que se envolveu em um crime passionnal contra o próprio marido. Foi presa e condenada, cumpriu pena na antiga Casa de Detenção de Fortaleza e terminou seus dias louca nas ruas da capital. Ficou no entanto o grande romance de Oliveira Paiva, publicado postumamente.

Luzia-homem é outra grande personagem de nossa literatura. Tão bem elaborada por Domingos Olímpio que deu maior visibilidade à cidade de Sobral, pano de fundo desse grande romance. É uma mulher de força descomunal que se apaixona por um pobre caixeiro chamado Alexandre e é assassinada por Crapiúna, no final da história.

Bárbara de Alencar foi muito bem retratada em Romanceiro de Bárbara, de Caetano Ximenes de Aragão. Não se pode esquecer Dôra Doralina e Maria Moura, personagens de Rachel de Queiroz em dois dos

seus mais significativos livros. E quem não conhece Maria do Carmo, de A normalista, de Adolfo Caminha? E Mundinha Panchico, de Juarez Barroso? Maria Rita, de Gustavo Barroso?

Há ainda aquelas mulheres que tiveram presença marcante na vida cearense e que suas sagas pessoais estão a esperar que algum escritor coloque-as no panteão literário. E aqui vale lembrar Maria Tomásia e sua atuação na libertação dos escravos cearenses, Jovita Feitosa no tempo da Guerra do Paraguai, D. Fideralina e a força do coronelismo no vale do Salgado, a beata Maria de Araújo e o milagre de Juazeiro.

Os grandes temas também, uns já trabalhados e outros não, são femininos: A seca, a fome (Rodolfo Teófilo escreveu homônimo), a sedição de Juazeiro, a Confederação do Equador, a Padaria Espiritual, as coca-colas, a jangada, a varíola.

O que se observa, portanto, é que há uma epopéia cearense latente na nossa cultura, matéria prima ainda indevassável para os escritores, toda marcada pela presença feminina. Das romeiras às guerreiras, de Juazeiro a Canindé, do Imaculada Conceição à Praça do Ferreira, a mulher cearense se impõe como construtora da nossa história.

Emília Freitas, Francisca Clotilde e Rachel de Queiroz são casos de mulheres marcantes na literatura cearense. A primeira lançou ainda no século XIX seu livro A rainha do ignoto, que já está na terceira edição, numa narrativa fantástica, é um livro que apresenta uma feição feminista da mulher numa sociedade matriarcal. Francisca Clotilde foi mulher além do seu tempo. No início do século XX escreveu A divorciada, tratando de um tema tabu à época. Já Rachel foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

É bom também conhecer a participação feminina nos nossos grupos literários. Do Grupo CLÃ participou Lúcia Martins, única mulher do grupo, e esposa de Fran Martins. Do Grupo SIN, na década de sessenta, participaram Leda Maria e Inês Figueiredo. Do Grupo Siriará, nos anos 70, participaram, entre 24 componentes, 5 mulheres: Joyce Cavalcante, Marly Vasconcelos (Água insone), Maryse Sales Silveira, Fernanda Teixeira Gurgel do Amaral e Lídia Teles. Da Academia Cearense de Letras, de 40 membros estão: Noemi Elisa Aderaldo, Marly Vasconcelos, Ângela Gutiérrez, Beatriz Alcântara, Giselda Medeiros e Regine Limaverde. Na Academia Cearense da Língua Portuguesa estão

Giselda Medeiros, Revia Herculano, Neide Azevedo e Maria Elias Soares.

A Literatura Cearense tem sido uma literatura de mutirão. Desse mutirão as mulheres têm feito parte, apesar do número reduzido de participação. Mas na primeira antologia da Literatura Cearense, de 1922, A poesia cearense no centenário, patrocinada pelo governador Justiniano de Serpa, não aparece nenhuma mulher. Na seguinte, Antologia dos novos, já pontifica Olga de Oliveira Paiva.

Todavia é bom acrescentar que a primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras foi Alba Valdez, no dia 04 de outubro de 1937, para ocupar a cadeira de número 22. A segunda a ingressar foi Henriqueta Galeno na cadeira 23. Em 1960 foi a vez do ingresso de Nenzinha Galeno. A quarta mulher a ingressar na ACL foi Noemi Elisa Aderaldo, em 1988. Em 1990 foi a vez de Marly Vasconcelos e em 1994, Rachel de Queiroz e Beatriz Alcântara. Em 1996 foi a vez de Regine Limaverde, em 1997, Ângela Gutiérrez, em 2000 Giselda Medeiros e finalmente em 2002 Natércia Campos. Ou seja, foram 11 mulheres a ingressarem na ACL, destas, 6 estão em atividade.

Há ainda um contingente de escritoras que estão se lançando no mercado como é o caso de Tereza Leite e principalmente de Tércia Montenegro que, ganhando prêmios locais e nacionais vêm se impondo no nosso cenário literário. Fortaleza é pois um celeiro de excelentes escritoras. Há grupos de mulheres que também produzem ou gravitam em torno da literatura. São eles: a Sociedade Amigas do Livro, as Traças, a Ala da Casa de Juvenal Galeno, a Academia Feminina de Letras, fora as participantes da Academia Fortalezense de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro. Como se vê, em termos de grupos, associações e academias, nossas literatas têm significativa participação.